

Relações entre agressão, vitimização entre pares e as diferentes dimensões do engajamento estudantil: um estudo exploratório

Vitor Atsushi Nozaki Yano

Universidade Federal do Paraná
vitoryano@ufpr.br

Introdução

A relação entre agressão e vitimização entre pares com o desempenho escolar tem sido objeto de estudo de um grande número de pesquisas desde as primeiras investigações sobre *bullying* escolar (OLWEUS, 1978). Nakamoto e Schwartz (2009), no entanto, verificaram que os resultados de diversos estudos nem sempre convergem. Em alguns estudos, observou-se que a vitimização parecia conduzir a um menor desempenho escolar, enquanto outros mostraram uma associação entre melhores desempenhos e tendência a sofrer vitimização (NAKAMOTO; SCHWARTZ, 2009). Alguns dos fatores que explicariam as divergências seriam o método de coleta de dados e o país da pesquisa, indicando que diferenças culturais também influenciam nessa relação. Além disso, os autores sugerem que deveriam ser considerados mediadores dessa associação para que os resultados sejam mais consistentes. Um modelo descrito por Buchs (2005) indica que a relação entre vitimização e desempenho acadêmico seria mediada pelo autoconceito e pelo engajamento estudantil. Appleton, Christenson e Furlong (2008) também entendem que o engajamento está diretamente relacionado ao desempenho, mas consideram que este conceito deve ser entendido em suas múltiplas dimensões, para também evitar inconsistências entre estudos.

Neste trabalho em andamento, busca-se compreender, no contexto brasileiro, a relação entre agressão (o quanto a pessoa perpetra violência física, verbal e/ou relacional) e vitimização (o quanto a pessoa sofre violência física, verbal e/ou relacional) entre pares e o engajamento estudantil, através de seus componentes comportamental (quanto a pessoa faz o que se espera dela), emocional (como a pessoa se sente na escola) e cognitivo (quanto a pessoa se interessa por aprender), o que poderia ajudar entender melhor os fatores que afetam o desempenho escolar.

Metodologia

Os participantes da pesquisa foram 19.316 estudantes de ensino fundamental e médio, com idades entre 7 e 21 anos, de escolas públicas estaduais e municipais de cinco municípios da Região Metropolitana de Curitiba, Paraná. Nesta amostra, 49,8% se identificaram como meninos, 48,2% meninas e 2,0% não se identificaram com um gênero binário. Com relação à identificação étnico-racial, 50% dos estudantes se autodeclararam brancos, 37,8% pardos, 7,4% pretos, 2,5% amarelos e 2,4% indígenas. Como parte de uma pesquisa mais abrangente sobre clima escolar, segurança e desenvolvimento socioemocional, os dados foram coletados através de um questionário, preenchido pelos próprios estudantes.

Para avaliação da agressão e vitimização entre pares foi utilizada a Escala de Vitimização e Agressão entre Pares – EVAP (CUNHA; WEBER; STEINER NETO, 2009), composta por dez itens do tipo Likert de quatro níveis, sendo seis itens para avaliação da agressão (α_6 de Cronbach = 0,72) e quatro para vitimização (α_4 de Cronbach = 0,79). Para medir o engajamento,

foi usada uma escala baseada na *Delaware Student Engagement Scale* – DSES (BEAR et al, 2011), composta por 15 itens, também do tipo Likert de quatro níveis, que avaliam as dimensões comportamental (α_7 de Cronbach = 0,79), emocional (α_4 de Cronbach = 0,83) e cognitiva (α_4 de Cronbach = 0,74) do engajamento estudantil.

Para a análise, foram realizadas três regressões lineares múltiplas, usando cada dimensão do engajamento como variável dependente em cada caso. Como variáveis preditoras, além das escalas de vitimização e agressão, foram incluídas raça, gênero e nível socioeconômico, visto que pesquisas anteriores já mostraram que esses fatores também afetam o engajamento (BUCHS, 2005; APPLETON; CHRISTENSON; FURLONG, 2008). Como a relação entre vitimização e desempenho não parece ser moderada por ser menino ou menina (NAKAMOTO; SCHWARTZ, 2009), o gênero foi codificado como variável dicotômica indicando o pertencimento a um gênero binário (1) ou não-binário (0). Para a raça, também foi usada uma variável dicotômica, diferenciando brancos (1) de não-brancos (0). Como indicador de nível socioeconômico, foi usado o nível de escolaridade parental em uma escala de seis níveis.

Resultados e Discussão

Os modelos testados se mostraram adequados para explicar uma pequena parte da variação nos componentes do engajamento (comportamental: $F(5, 16441) = 334,62$; $p < 0,001$; $R^2 = 9,2\%$ / emocional: $F(5, 16358) = 172,12$; $p < 0,001$; $R^2 = 5,0\%$ / cognitivo: $F(5, 16275) = 168,62$; $p < 0,001$; $R^2 = 4,9\%$).

O nível socioeconômico, como esperado, foi um preditor positivo significativo para as três dimensões do engajamento (comportamental: $\beta = 0,079$; $p < 0,001$ / emocional: $\beta = 0,139$; $p < 0,001$ / cognitivo: $\beta = 0,096$; $p < 0,001$). Pertencer a um gênero binário, ou seja, se identificar como menino ou menina, também está associado a um maior engajamento no geral (comportamental: $\beta = 0,034$; $p < 0,001$ / emocional: $\beta = 0,046$; $p < 0,001$ / cognitivo: $\beta = 0,023$; $p < 0,001$). Com relação à raça, a identificação como branco apresentou uma pequena associação negativa apenas com o engajamento emocional ($\beta = -0,038$; $p < 0,001$), sem significância para os outros dois componentes.

A agressão se mostrou um preditor negativo significativamente associado aos três componentes do engajamento (comportamental: $\beta = -0,284$; $p < 0,001$ / emocional: $\beta = -0,136$; $p < 0,001$ / cognitivo: $\beta = -0,209$; $p < 0,001$). Já com relação à vitimização, houve uma diferença em sua relação com cada dimensão do engajamento. Para a dimensão comportamental, não foi observada associação significativa, enquanto para as dimensões emocional e cognitiva, observou-se uma pequena associação, negativa no primeiro caso ($\beta = -0,043$; $p < 0,001$) e positiva no último ($\beta = 0,046$; $p < 0,001$).

Assim, os resultados indicam que possuir uma condição socioeconômica mais elevada, aqui interpretada a partir de uma escolaridade parental mais avançada, está associado a um melhor ajustamento à escola, tanto com relação à realização das tarefas esperadas quanto com relação ao sentimento de bem-estar, além de um maior interesse pela aprendizagem. Isso, de acordo com Buchs (2005) e Appleton, Christenson e Furlong (2008) levaria a um melhor desempenho acadêmico. Por outro lado, se identificar como pertencente a um gênero não-binário teria associação com um menor engajamento da pessoa com a escola de forma geral. A questão étnico-racial, no contexto analisado, não seria um fator moderador da relação entre agressão e vitimização entre pares e engajamento estudantil.

A análise da associação entre agressão e engajamento indica que estudantes que mais se envolvem com violência contra seus colegas também são menos engajados com a escola. Isso poderia ser explicado pelo fato de que não possuir um sentimento de conexão afetiva com o ambiente levaria a uma menor participação nas atividades propostas e menor interesse na aprendizagem. Um sentimento de desajustamento levaria a atitudes agressivas e/ou de abandono (GRAHAM; BELLMORE; MIZE, 2006; MCDOUGALL et al, 2001).

Contudo, a questão mais interessante observada neste estudo foi a relação entre a vitimização e as diferentes dimensões do engajamento. No caso da dimensão cognitiva, verificou-se que estudantes que mais se envolvem com seu aprendizado tendem a sofrer mais vitimização, o que, por sua vez, pode ter relação com o desempenho escolar desses estudantes. Para Olweus (1978) estudantes com desempenho muito abaixo ou muito acima da média tem maior probabilidade de serem vítimas de *bullying*. De fato, Coleman (1959) já havia sugerido que estudantes com bons desempenhos acadêmicos tendem a ser vistos de forma negativa, principalmente entre grupos de adolescentes. Por outro lado, estudantes que sofrem vitimização tendem a ser menos engajados emocionalmente com a escola. Sendo depressão, ansiedade e baixa autoestima algumas das consequências da vitimização (GRAHAM; BELLMORE; MIZE, 2006; MCDOUGALL et al, 2001), entende-se que estudantes que ocupam o papel de vítimas se sintam menos identificadas e pertencentes com seu ambiente escolar. O fato de não ter sido verificada associação significativa entre vitimização e engajamento comportamental pode sugerir, ainda, que algumas atitudes observáveis de comportamento estudantil podem não ser bons indicadores de ajustamento escolar. Isso mostra a importância de se considerar o engajamento em suas múltiplas dimensões, já que, sendo tratado como um conceito simples, poderia não revelar essas particularidades.

Conclusões

Neste trabalho foi apresentada uma análise da relação entre agressão e vitimização entre pares e as diferentes dimensões do engajamento estudantil: comportamental, emocional e cognitivo, incluindo também fatores que podem influenciar nessa relação, como gênero, raça e nível socioeconômico. Os resultados corroboram o que tem sido verificado em outros estudos, e têm grande importância por representar um contexto brasileiro específico, já que diferenças culturais também tendem a influenciar essas questões. Além disso, um resultado importante verificado foi a importância de se analisar as relações da vitimização com os diferentes componentes do engajamento. Sendo o engajamento um fator que influencia diretamente o desempenho escolar, perceber essas diferenças conceituais podem contribuir para o planejamento de intervenções mais efetivas para apoio aos estudantes.

Referências

APPLETON, J. J.; CHRISTENSON, S. L.; FURLONG, M. J. Student engagement with school: Critical conceptual and methodological issues of the construct. **Psychology in the Schools**, v. 45, n. 5, p. 369–386, maio 2008.

BEAR, G. G. et al. Delaware School Climate Survey—Student: Its factor structure, concurrent validity, and reliability. **Journal of School Psychology**, v. 49, n. 2, p. 157–174, abr. 2011.

BUHS, E. S. Peer rejection, negative peer treatment, and school adjustment: Self-concept and classroom engagement as mediating processes. **Journal of School Psychology**, v. 43, n. 5, p. 407–424, nov. 2005.

COLEMAN, J. S. Academic achievement and the structure of competition. **Harvard Educational Review**, v. 29, p. 330–351, 1959.

CUNHA, J. M.; WEBER, L. D. N.; STEINER NETO, P. Escala de Vitimização e Agressão entre Pares. In: WEBER, L.; DESSEN, M. A. **Pesquisando a Família: Instrumentos para Coleta e Análise de Dados**. Curitiba: Juruá, 2009, p. 103-114.

GRAHAM, S.; BELLMORE, A. D.; MIZE, J. Peer Victimization, Aggression, and Their Co-Occurrence in Middle School: Pathways to Adjustment Problems. **Journal of Abnormal Child Psychology**, v. 34, n. 3, p. 349–364, 26 jun. 2006.

MCDOUGALL, P. et al. The consequences of childhood peer rejection. In: **Interpersonal rejection**. New York, NY, US: Oxford University Press, 2001. p. 213–247.

NAKAMOTO, J.; SCHWARTZ, D. Is Peer Victimization Associated with Academic Achievement? A Meta-analytic Review. **Social Development**, v. 19, n. 2, p. 221–242, maio 2010.

OLWEUS, D. **Aggression in the schools: bullies and whipping boys**. Washington/New York: Hemisphere, 1978.